

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS AFRICANOS NA MEMÓRIA DE MÃE BILINA DE LARANJEIRAS.

Maria da Conceição Bezerra dos Santos Sobrinha

Mestranda PROHIS-UFS

Recebido: 20/05/2022
Aprovado: 28/06/2022

RESUMO

Este trabalho se dedica a realizar apontamentos acerca das representações sociais presentes nos relatos orais de Umbelina Araújo, “Mãe Bilina” de Laranjeiras, primeira aloxa (liderança religiosa) do Terreiro de Santa Bárbara Virgem. Umbelina Araújo nasceu em 1879, se denominava como uma “nagô legítima”, neta de quatro africanos, e a herdeira do legado religioso e simbólico nagô, na cidade de Laranjeiras nas primeiras décadas após abolição da escravidão. A comunidade nagô de Laranjeiras, é reconhecida, pela historiografia, como o primeiro terreiro nagô de Sergipe, fundada por africanos advindos da “Costa dos Escravos”. Em 1970, então liderados por Dona Umbelina Araújo, foram reconhecidos como praticantes da “pureza nagô”, uma espécie de ortodoxia do culto aos orixás em Sergipe. Dentro deste contexto, Umbelina Araújo concedeu cerca de treze entrevistas à pesquisadora Beatriz Góis Dantas, presentes na obra “Vovó Nagô e Papai Branco”. Seus relatos, transformados em fontes orais, condensam e expõem um rico universo mental, composto por um arcabouço mítico nagô, e um bojo ético-moral que que lhe foram transmitidos pelos africanos, com os quais “Mãe Bilina” conviveu desde a sua infância.

PALAVRAS-CHAVE

Afro-brasileiros; Pós-abolição; Africanos em Diáspora.

Introdução¹

No livro “Vovó Nagô e Papai Branco” (1988) de autoria da intelectual Beatriz Gois Dantas, Umbelina de Araújo nos oferece assertivas acerca da sua história, da história do terreiro e da história dos africanos na cidade de Laranjeiras em Sergipe. Este livro, advindo da dissertação de mestrado de Góis Dantas, trava discussões sobre a pureza nagô no território sergipano. Este problema de pesquisa, estava inserido num esforço de pesquisa nacional, que buscava compreender as religiões de matriz africana e o que significava a pureza africana para essas comunidades.

O estudo do nagô laranjeirense foi proposto pela própria mãe Bilina que concedeu cerca de treze entrevistas, entre os anos de 1972 e 1973.² Ao longo destas entrevistas, “mãe Bilina” aborda a história do terreiro, a própria história, e a história dos africanos na cidade de Laranjeiras. Contava então com cerca de 90 anos de idade, vindo a falecer em setembro de 1974.

“Mãe Bilina”, expõe um rico arcabouço mental acerca dos africanos e da sua cultura, em seus relatos. Descreve-os com palavras elogiosas, a tal ponto, que é possível afirmar que ela faz uma apologia aos africanos nagôs, fundadores da Irmandade de Santa Bárbara Virgem. Portanto, possui uma imagem positiva da África, incomum para os descendentes diretos de africanos, se compararmos o seu discurso ao dos descendentes de pessoas que foram escravizadas.³

Por isto, ao longo das próximas linhas, buscaremos ressaltar alguns elementos simbólicos presentes em seus relatos orais, especificamente acerca dos africanos nagôs. Ansiando construir reflexões acerca das possíveis ligações entre os povos africanos e o Brasil, por meio do terreiro de Santa Bárbara Virgem em Laranjeiras-SE.

A Micro-História e a compreensão das crenças e mitos dos sujeitos históricos

A Micro-História é uma ferramenta teórico-metodológica que alcançou um espaço estável entre os historiadores na década de 1980. A mesma consiste num ajuste de escala, que busca explicar determinado fenômeno histórico global, por meio de casos específicos, concedendo a perguntas gerais, respostas locais.

1 O presente artigo, é proveniente de uma pesquisa de mestrado, ainda em andamento, no PROHIS/UFS, financiada pelo CNPQ, ao qual, prestamos os nossos mais sinceros agradecimentos.

2 Batriz Gois Dantas. Vovó nagô, papai branco: usos e abusos da África no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 67.

3 Hebe Mattos. Os combates da memória: escravidão e liberdade nos arquivos orais de descendentes de escravos brasileiros. Revista Tempo do Departamento de História da UFF, 1998. Disponível: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg6-8.pdf.

Nascida após a queda do sistema econômico mundial bipolar, a Micro-História surgiu como uma resposta às demandas sociais, de uma maior diversidade de perspectivas e de pressupostos historiográficos que dessem conta de suprir, a produção de conhecimento em um mundo onde surgiram novas potências mundiais, que se tornaram modelos locais em seus continentes e no mundo.⁴

Deste modo, a historiografia, atravessou um período de crise, no qual se dera uma “una confusa transformación de prácticas y de perspectivas”.⁵ Nas quais, emergem, entre os historiadores, duas grandes ferramentas teórico-metodológicas, a Micro-História e a História Global. A Micro-História, muito mais próxima dos pressupostos da Antropologia e da Literatura, a História Global, mais “amiga” da Sociologia.

Giovanni Levi deixa claro que não pretende opor as duas perspectivas, mas as aproxima, no sentido de expor que, a Micro-História é uma ferramenta, uma forma, um meio, de se fazer a História Global, ao passo que, quando é escrita como uma história local, desconectada dos elementos de nível nacional ou global, esta é descaracterizada, e perde a sua vocação natalícia.

Em outras palavras, podemos afirmar que a Micro-História, busca explicar a história do mundo, por meio de casos específicos. São respostas “locais” para perguntas “gerais”. É isto que Ginzburg procurou realizar em sua obra, História Noturna.

“História Noturna” é um texto primoroso de autoria de Carlo Ginzburg, publicado no Brasil pela Companhia das Letras em 2012. Nesta obra, Carlo Ginzburg se dedicou a compreender o significado dos mitos e crenças expostos em depoimentos de sujeitos que participavam do Sabá, para os inquisidores entre os séculos XV e XVII. A bruxaria, até então, nas palavras do próprio Ginzburg, teria sido estudada partindo da perseguição, mas não do significado simbólico das crenças e dos mitos.

Na introdução deste texto, Ginzburg erige algumas assertivas, acerca da importância de se analisar o significado simbólico das crenças e dos mitos para os sujeitos históricos, não dentro do escopo dos fatos históricos, mas sim, dos universos mentais, ou seja, das crenças e mitos que norteavam os sujeitos históricos. “Isso não quer dizer, é óbvio, que essas descrições não possuam valor documental: acontece que documentam mitos, e não ritos. Uma vez mais, devemos perguntar-nos: crenças e mitos de quem?”.⁶

4 Giovanni Levi. “Micro-História e História Global”. *Historia Crítica* n.º 69 (2018): 21-35, doi: <https://doi.org/10.7440/histcrit69.2018.02>.

5 Levi, *Micro-História*, p. 22.

6 Ginzburg, *História Noturna*, p. 10.

Deste modo, Ginzburg propõe a utilização do arcabouço teórico-metodológico dos campos da Antropologia e do Folclore, reafirmando a proximidade entre a Micro-História e a Antropologia, exposta anteriormente por Giovanni Levi. O estudo sobre os mitos e crenças destes sujeitos pertencentes as classes subalternizadas, pode revelar elementos “híbridos”, relações entre a cultura entendida como “erudita” e a “cultura popular”. Bem como, revelar conexões entre povos distintos, que viveram e se relacionaram em diferentes temporalidades históricas. Na busca da compreensão do valor simbólico das crenças e dos mitos para os indivíduos sabáticos, de maneira especial, neste trabalho, mas exortando historiadores que façam o mesmo com relação a outros sujeitos inseridos em outros contextos.

Estes pressupostos, de muitos modos, se relacionam com a nossa pesquisa acerca de Umbelina de Araújo. Nascida em Laranjeiras, Sergipe, no final da década de 1870, neta de quatro africanos, se denominava uma “crioula legítima”.⁷

Nascida no final da década de 1870, Umbelina de Araújo se tornou a primeira mulher negra e a primeira brasileira a assumir a liderança do Terreiro de Santa Bárbara Virgem, anteriormente fundado e liderado por dois africanos advindos da chamada “Costa dos Escravos”, Ti Henrique e Ti Herculano. Respectivamente o fundador e o segundo beg, da comunidade nagô em Laranjeiras.

Dona Bilina, se tornou uma das principais herdeiras do legado cultural, religioso e social destes africanos, sendo a responsável pelo terreiro de Santa Bárbara Virgem, por cerca de sessenta anos. Além do mais, assumindo uma responsabilidade uma “promessa” de sua mãe, Mãe Bilina também conduziu o grupo de cultura popular das taieiras de Laranjeiras.

Na década de 1970, a Taieira atraiu a atenção de uma jovem pesquisadora, hoje renomada, e respeitada, Prof^a Beatriz Góis Dantas. Esta se deteve na taieira de Laranjeiras, diante do fenômeno de sua sobrevivência em detrimento do declínio das demais taieiras em Sergipe (as de Lagarto e São Cristóvão) ela se interessava pelos fatores, que fizeram a taieira de Laranjeiras, sobreviverem ao fulminante processo de romanização ocorrido no Brasil e em Sergipe entre o final do século XIX e o início do século XX. isto levou Beatriz Góis Dantas e Umbelina Araújo a se aproximarem.

A pesquisa das taieiras se transformou em livro, que muito alegrou Dona Bilina que se sentiu nas palavras de Gois Dantas “reconhecida”. O que a levou a questionar a jovem pesquisadora, “a senhora não quer estudar o nagô?”⁸ Esta provocação, suscitou uma nova pesquisa, desta vez, sobre a pureza nagô em Laranjeiras, tema da dissertação do mestrado de Beatriz Góis Dantas, no qual ela buscou compreender o

7 Dantas, Vovó Nagô, p. 66.

8 Maria Laura Cavalcanti, Uma Lufada de Ar Fresco: a antropologia de Beatriz Góis Dantas, Rio de Janeiro: UFRJ, 2019, 27 min.

significado do nagô puro em Sergipe, à revelia do que o mesmo significa em Salvador, principalmente, e em Pernambuco. É este livro, acompanhado, posteriormente de outros estudos,⁹ que nos revela a Irmandade de Santa Bárbara Virgem como a primeira comunidade de culto nagô em Sergipe.

Por meio dessa pesquisa, Mãe Bilina concedeu treze entrevistas. Dispostas nos capítulos três e quatro da dissertação, transformada em livro, “Vovó Nagô e Papai Branco: usos e abusos da África no Brasil” (1988). Nos quais, com a intenção de transmitir a história da Irmandade de Santa Bárbara Virgem, Mãe Bilina expõe, entre outros elementos, a sua história (que se confunde com a história da formação do terreiro), elementos biográficos acerca dos líderes-fundadores da comunidade de culto nagô, e um bojo mítico-religioso dos nagôs de Santa Bárbara Virgem.

África e os africanos na memória “Biliana”

O Território Africano

“Vovó me falava muito da terra. Contava as histórias de lá. A África é grande. Tem muito lugar e muitos povos diferentes: nagô, male, jeje, jexá, congo. Era tudo da África. Afora quer dizer que é de várias classes. Aqui não tem Aracaju, Laranjeiras, Riachuelo? Pois lá também é assim. Tem muito lugar. A África é grande e rica. Buzo, inhame e essas coisas tudo do Brasil, era de lá. E os africanos sabia onde tinha pérola, ouro. E quem sabia e descobria essas coisas era na África. Por que é que não tem mais ouro como tinha? Porque quem descobria tudo era os africanos (...) Pérola, ouro, diamante, tudo eles sabia. Era povo que tinha muito ouro. Esses buzos da Costa lá é dinheiro.”¹⁰

Se referir a povos africanos e seus territórios em África, consiste em uma tarefa árdua. Entretanto, na narrativa de Mãe Bilina, era de seu conhecimento alguns fatos acerca da África, sobre os quais teceremos alguns comentários ao longo das próximas linhas. Primeiro, “a África é grande...”, Dona Umbelina tem conhecimento de que o continente africano é extenso, possuindo vários territórios, dos quais, não cita os nomes, cita os povos.

9 José Fernando Ferreira Aguiar. “Em tempo de Solidão Forçada”: Epidemia de Variola, Revolta Popular e Fé em Sergipe Novecentista. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal da Bahia, 2002; Sharyse Piroupo do Amaral, Um pé calçado, outro no chão: liberdade e escravidão em Sergipe (Cotinguiba, 1860-1900), 1. ed. Salvador; Aracaju: EDUFBA; Diário Oficial, 2012. v.1. 354p; Dijina Torres, Mulher Nagô: Liderança feminina e suas relações de Poder e Parentesco no terreiro Santa Bárbara Virgem, em Laranjeiras, In: II Seminário de estudos culturais, identidades e relações interétnicas, 2011, São Cristóvão; João Mouzart Oliveira Junior, Entre Panelas e Batuques: Arqueologia da Diáspora e Relações de Gênero e Poder em Laranjeiras/SE (século XX), Monografia (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, 2012; Petrônio José Domingues, Guerra de Xangô: ritual, perseguição e conflito na formação do campo religioso afro-sergipano, RELIGIÃO & SOCIEDADE, v. 39, p. 120-146, 2019.

10 Fragmento de entrevista dada por Dona Umbelina Araújo à Prof.^a. Beatriz Gois Dantas entre os anos de 1972 e 1973. Retirado do livro, “Vovó Nagô, Papai Branco: usos e abusos da África no Brasil”, p. 75 e 76.

Os “nagôs, malês, jejes e ijexás, consistem em identidades categorizam povos e religiões, identidades transladadas do continente africano para o Brasil, muitas vezes criadas, ou sedimentadas, pelos colonizadores, que comumente não se referiam aos povos ou territórios aos quais os escravizados pertenciam, mas sim, aos portos pelos quais estes eram despachados para os territórios americanos.

Os “malês” e os “nagôs”, segundo Alberto da Costa e Silva, possuíam outros sentidos. A palavra malê, deriva da palavra “imalê”, na língua iorubá, e era o termo destinado aqueles que praticavam a religião mulçumana. Por sua vez, o termo “nagô” ou “anagô”, eram utilizados pelos povos “evés, fons e guns para designar todos os iorubás”.¹¹

No Brasil, estes povos se formaram sob outras identidades, sendo especialmente ligados a modalidades de cultos e anteriormente integrando irmandades, que condensaram e formaram estas identidades. Jejes, Ketu, Angola, se tornaram nações nos cultos afro-brasileiros. Nagôs, uma nomenclatura para cultos afro-brasileiros, mas também um termo genérico para povos iorubás. E os malês, uma denominação genérica para os africanos seguidores dos ensinamentos do Profeta Maomé. No que concerne às nações ligadas aos cultos africanos, estas se diferem, muitas vezes, pelas divindades cultuadas, pelas características destes cultos e pela forma de iniciação.

No caso do terreiro de Santa Bárbara Virgem, que se denomina nagô, à revelia da iniciação nagô na Bahia, o ritual de entrada no culto nagô é denominado “batismo”, no qual, eles não raspam a cabeça do iniciado, e não realizam escarificações. Elementos da construção identitária e de culto, realizadas em Laranjeiras, Sergipe.¹²

Refletindo ainda sobre as conexões entre a recriação das identidades africanas no Brasil, especificamente no terreiro de Santa Bárbara Virgem, nos questionamos acerca da principal festa desta comunidade nagô, o corte do inhame, e nos perguntamos se festividades semelhantes aconteciam também na África. Descobrimos que sim. Este costume é resguardado principalmente pelos povos igbos, que habitam principalmente no território que atualmente reconhecemos como Nigéria, mas também em Gana e no Togo.

Na Nigéria, se celebra principalmente na cidade de Igboho, localizada no estado de Oyó, reino, que miticamente, fora governado por Xangô. No terreiro de Santa Bárbara Virgem, a festa do inhame novo, é realizada em homenagem à principal divindade da casa, denominada por Beatriz Góis Dantas (1988, p.) “Ogodô”. Apesar de “Mãe Bilina” se opor ao amalgamento de várias divindades em uma só, Ogodô

11 Alberto da Costa e Silva. A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014. p. 390.

12 Dantas, Vovó Nagô; José Petrônio Domingues. Guerra de Xangô: ritual, perseguição e conflito na formação do campo religioso afro-sergipano. RELIGIÃO & SOCIEDADE, v. 39, p. 120-146, 2019.

é reconhecido como uma das qualidades de Xangô, por algumas perspectivas de culto afro-brasileiro. As festividades do inhame na África (denominadas de Yam Festival, na Nigéria; de Asogli Yam Festival, em Gana),¹³ se iniciam no mês de agosto (no terreiro de Santa Bárbara Virgem, em setembro), e se trata de uma festa ligada à vida, à nova colheita. Onde, assim como na comunidade nagô laranjeirense, primeiro os inhames devem ser oferecidos às divindades, depois ao sacerdote/mais velho dentro da comunidade e posteriormente ao público em geral.

Este fato, nos levou a pensarmos as divindades, ou o culto às mesmas, como um dos principais elementos constitutivos desta identidade, sendo possível que as mesmas nos ofereçam “pistas”, sobre os povos e territórios de origem dos africanos que construíram o culto nagô em Sergipe.

Portanto, elaboramos um gráfico, com os nomes das divindades africanas cultuadas no terreiro de Santa Bárbara Virgem, com informações retiradas do livro *Vovó Nagô e Papai Branco*, no qual Profa. Góis Dantas recolheu os nomes destes orixás, com uma ressalva, eles não se denominam como um candomblé, mas sim como um culto nagô, de origem africana, nos quais, se cultuam os santos africanos, sob a proteção de Santa Bárbara Virgem, que, nas relações sincréticas com o cristianismo, representa Iansã.¹⁴

Os nagôs em Laranjeiras, cultuam cerca de trinta e quatro divindades africanas,¹⁵ das quais três (Teô, Oguidibô e Agongonte), segundo as nossas pesquisas, não possuem registros em outras casas de culto afro-brasileiro.

Dividimos as divindades nagôs, em sete grupos, excetuando-se o grupo das divindades que não obtivemos informações alguma acerca das mesmas. O primeiro grupo, se refere às três divindades relacionadas às doenças,¹⁶ Xapanã (Sapatá, ou Sakpatá), Abaluaiê (ou Obaluaiê) e Omolu. Xapanã, é também reconhecido como um vodum, tendo uma origem, étnica e territorial distinta dos Orixás iorubás, sendo proveniente do reino de Nupe¹⁷ (atualmente um território nigeriano), segundo a mitologia teria sido banido de seu reino de origem e migrado para o reino de Daomé (atual Benim).¹⁸

13 Asogli Te Za (Asogli Yam Festival) 2029 Program. Visit Ghana. Disponível em: <https://visitghana.com/attractions/asogli-te-za-asogli-yam-festival/>. Acessado em 08.12.2021.

14 Orixá guerreira, nascida, segundo contam os mitos, na cidade de Oyó, reconhecida como a cidade capital dos iorubás. Ela é a divindade responsável por reger as tempestades, ventos e os trovões, junto com Xangô, seu companheiro.

15 Dantas, *Vovó Nagô*, p.100 (Notas de rodapé).

16 Pai Rodney, *É a doença que nos ensina que saúde é um bem precioso*, Carta Capital, 20.03.2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/e-a-doenca-que-nos-ensina-que-saude-e-um-bem-precioso/>. Acessado em 18.08.2021.

17 Costa e Silva, *A manilha*, p. 288.

18 Reginaldo Prandi, *Mitologia dos orixás*, São Paulo, Companhia das Letras, 2001, p. 202-220.

As divindades que se relacionam à terra são quatro, Chaocô (Orixakô)¹⁹, Ogum²⁰, Oxoce²¹ e Iguê²². Iguê (também denominado Aguê), assim como Xapanã, é reconhecido como um vodum. As divindades ligadas ao fogo são oito, Abacossô²³(também denominado Obakossô), Iá-Xangô, Dadá, Iansã, Ogodô, Oiá, Xangô²⁴, Beide-Oró. A divindade Beide-Oró, possivelmente é uma variação linguística de, Badé, vodun pertencente à família de Hevioso.²⁵

As divindades relacionadas à sabedoria são oito, Aramilá (também denominado Orunmilá)²⁶, Efá²⁷, Oroco (também denominado Iroko)²⁸, Acedá (também denominado asedá ou axedá), Acodá²⁹ (também chamado akodá), Orixá (também denominado orixalá), Oxalá³⁰ e Nanã, que é reconhecida como orixá e como vodun. Estas são divindades especiais, reconhecidas como muito antigas e essenciais dentro do arcabouço mítico africano.

Tendo uma relação muito íntima, uma relação interseccional, a exemplo de Aramilá, Efá, Acedá e Acodá,³¹(DELFINO, 2016) são divindades-ancestrais que estão ligadas ao culto de Efá, o culto da adivinhação, daqueles que, a partir do jogo dos odús (dos caminhos/destinos da humanidade), dado de presente aos homens por Arumilá, conduzem os homens em suas trajetórias. Acedá e Acodá, teriam sido os primeiros discípulos do jogo de Efá, responsáveis, dentro do arcabouço mítico, por propagar o jogo de Efá, disseminado entre povos africanos iorubás, jejes e islamizados. Isto nos revela uma postura de circulação cultural, ainda no território africano.

19 Prandi, *Mitologia*, p.170-183.

20 Prandi, *Mitologia*, p. 82-109.

21 Prandi, *Mitologia*, . p. 110-125

22 Fanciliete do Socorro Campos Souza, *Vodun também come: educação e saberes da comida volitiva em uma Roça Jeje Savalú na Amazônia*, Dissertação (Mestrado em Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará, 2018, p. 24.

23 Héricck Lechinski, *Os 12 Sàngó (Xangôs) da Bahia*, Revista Senso, 7 de junho de 2017. Disponível em: <https://revistasenso.com.br/candomble/os-12-%E1%B9%A3ango-xangos-da-bahia/>. Acessado em 18.08.2021.

24 Prandi; Vallado, *Xangô Rei de Oió*, In. BARRETI FILHO, Aulo (org.). *Dos yorùbá ao candomblé kêtú*. São Paulo, Edusp, 2010, v. 1, p. 141-161. p. 2.

25 S. Ferreti. F. Pflueger, G. ; M. Vasconcellos . *A Terra dos Voduns*. São Luís: SECMA, 2009 (Apresentação), p. 3.

26 Prandi, *Mitologia*, p. 440-466.

27 Prandi, *Mitologia*, p. 440-466.

28 KYOUMURA, Leila. **Exposição preserva a memória e a natureza do orixá Iroko**. *Jornal da USP*, 08.10.2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/exposicao-preserva-a-memoria-e-a-natureza-do-orixa-iroko/>. Acessado em 19.11.2021.

29 Jair Delfino, *Ifá e Odu: filosofia e logica binaria no ensino de história e cultura africana*, Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Ceará- FUNCAP, 2016, p. 31.

30 Prandi, *Mitologia*, p. 500-522.

31 Delfino, *Ifá e Odu*.

Oroko, por sua vez, é cultuado especialmente por meio da árvore da Gameleira Branca. Gameleira é o nome de um dos povoados da cidade de Laranjeiras, possuindo uma igreja (ainda em funcionamento) onde, nos livros de batismos e obituários, da Freguesia do Sagrado Coração de Jesus no século XIX, muitos africanos batizaram seus filhos e enterraram os seus mortos.

Nanã, também reconhecida como vodun, possui ligação com algumas divindades cultuadas no pelos nagôs de Santa Bárbara Virgem, como Xapanã, e Iguê. Alberto da Costa e Silva ³²(a aponta como uma divindade antigíssima no território africano, sendo cultuada pelos “xás”, que se declaram descendentes dos ijexás, e os “anás” habitantes do Togo. Coincidência ou não, a avó de “Mãe Bilina”, se chamava Birunqué, nome muito parecido com “Burucu”, um dos títulos conferidos à Nanã, a mais velha e sábia das divindades africanas.

As divindades que cuidam da casa são três, Bara-Ungundi³³, Lebará³⁴, Irelodê³⁵. Lebará, também denominado Legbará, também é um vodum. As divindades relacionadas às águas são quatro, Iemanjá,³⁶ Lokum,³⁷ Obá³⁸ e Oxum.³⁹ Existe ainda, dentro do terreiro os Ibejís. Orixás gêmeos relacionados à alegria, criatividade, à vida.

As divindades cultuadas pela Irmandade de Santa Bárbara Virgem, como pode ser auferido, são, divindades Jejes-nagô. Entretanto, dentro da comunidade, eles se consideram somente nagôs. Construíram esta narrativa e identificação. Como somente e só, nagôs. Ademais, as divindades, concernem em sua maioria, de santos ligados ao fogo e à sabedoria. Como pode ser averiguado no gráfico. Os itãs acerca destas divindades, nos proporcionam pontos de luzes, no que se referem à sua localização étnico-geográfica, são citados povos Nupes, Tapas e as regiões de Ifé, Oyó bem como o reino de Daomé, desnudando uma descendência ewé-fon, dos participantes do nagô de Santa Bárbara Virgem.

32 Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança: a África antes dos portugueses*, 5.ed.rev.e ampl. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p.590.

33 Costa e Silva, *A enxada*, p. 54.

34 Hùngbónò Charles, *O Vodun Legbá e a classificação do panteão Vodun*, Camdomblé: o Mundo dos Orixás. Disponível em: <https://ocandomble.com/2012/08/05/o-vodun-legba-e-a-classificacao-do-panteao-vodun/>. Acessado em 19.11.2021.

35 A. Speroni, *Religiões Afro Gaúchas e a Sala de Aula*, (Apresentação de Trabalho/Congresso). Disponível em: <https://www.uces.br/site/midia/arquivos/produto-as-religoes-afro-gauchas.pdf>, p. 40.

36 Vanessa Aragão, *Contos de Iemanjá*, Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=r4cQP_5kbLA.

37 PRANDI, 2001, p. 400-405.

38 *Orisa Oba Documentary*. Canal: Ategebe Moviment. Facebook, 05.06.2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=311263890692003>.

39 Pâmela Peregrino, *Orixá OXUM Animação: “Òpára de Òsùn: quando tudo nasce*, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G9oueZFNB8>.

Os Africanos

“Quando eu era pequena, eles botava eu na cabeça dentro de um cesto e saia dançando na roda... Isto era na casa de Ti Herculano... Eu não me lembro disto. Eu era pequena. Vovó era quem contava.”⁴⁰

O excerto supracitado, nos recorda aqueles pressupostos provenientes de Halbwachs e Pollack (2013, 1992), acerca da memória ser construída coletivamente, e por isto mesmo, ser um campo de disputas, da qual, a síntese produz as identidades. Neste caso específico, do fragmento da entrevista de Mãe Bilina, desponta uma memória contada e por isto mesmo, assentada, pela avó Birunqué, ela é quem faz com que fatos de uma infância distante, se tornem, para Dona Umbelina “coisa viva...”.⁴¹

Somos, portanto (segundo estes pressupostos), inerentemente, frutos do nosso meio. (Idem., p.27) Pois, a memória plantada em nós pelos que nos precederam, permanece e continua em nós, é por meio dela que continuamos em contato com os nossos antepassados, os “construtores” das nossas identidades. Bilina, é, portanto, fruto da sua conjuntura, do seu meio, da sua comunidade, dos seus mais velhos. É a comunidade africana, antes e no pós-abolição, que a gera, e que povoa o seu imaginário sobre a África e os africanos. E é sob a égide (ora a ressignificando, ora a atualizando, ora a seguindo à risca), do que aprendeu com eles, que ela conduziu e transmitiu a identidade nagô em Laranjeiras. Segundo a memória “biliniana”, no período de Ti Herculano ainda existiam muitos africanos, no território de Laranjeiras, formando a comunidade nagô, mas também em outras cidades próximas. Ela cita os nomes de alguns destes africanos, “Tia Lucida, Inã pela África”; “Rufino” que ela denomina como um “nagô que morava na baixa do Calumbí”, (um povoado localizado no município de Socorro, ainda permanece com a mesma denominação); “Ti Oxó”, acerca do qual não oferece muitas informações, ao menos na transcrição realizada por Gois Dantas.

No texto “Africanos em Laranjeiras”, parte integrante do livro “Casa de Ti Herculano” (2011), que versa acerca de uma das propriedades do segundo bag da Irmandade de Santa Bárbara Virgem, Beatriz Gois Dantas, oferece os nomes de alguns africanos residentes na cidade de Laranjeiras, alguns nagôs, portanto, participantes da irmandade, outros malês, portanto, “rivais” ou aqueles que exerciam a “outridade”⁴² africana, com relação aos nagôs de Santa Bárbara Virgem. Dispomos agora, os

40 *Fragmento de entrevista dada por Dona Umbelina Araújo à Prof.^a Beatriz Gois Dantas entre os anos de 1972 e 1973.* Retirado do livro, “Vovó Nagô, Papai Branco: usos e abusos da África no Brasil”, p. 66.

41 Maurice Halbwachs, *A memória coletiva*, Tradução de Beatriz Sidou. 2, Ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013. p. 28.

42 Conceito cunhado por Grada Kilomba, em seu livro “Memórias da Plantação” (2011p. 37), que se refere à imposição simbólica de conceitos e ideias negativas pelos sujeitos brancos, sobre os sujeitos negros.

nomes de alguns deles na tabela que se segue.

Africanos na Cidade de Laranjeiras no Pós-Abolição. ⁴³	
Africanos	Informações
Josefa Pinheiro da Costa (1885)	“...testemunhou que Felicidade era filha natural do africano Antonio Moraes”
Manoel Curvelo de Mendonça	“...residia na Rua do Cangaleixo, fundos dando para a Rua da Poeira, vizinho do africano José Carlos da Costa, que tratou dele na doença e fez o seu enterro”
Chica	“...nagô que se tornou malê.”
Juliana	“...era de Moçambique. Foi escrava do Brejo, alforriou as filhas e depois o filho e mudou-se para Laranjeiras. Adotou a religião dos males e morreu em 1916...”
Luiza	“...conhecida como Ta Kete... africana, nagô, ligada ao terreiro de Herculano. Vivía de pequeno comércio no Porto do Oiteiro e morava em Socorro”
Pulquéria, Rita e Rosa”	“...três africanas malês...”
Calabi	“...era um male de posses. Tinha um sobrado e uma família grande”
Gertrudes	“...tinha casa com terras na Comandaroba e, ao morrer, em 1902, deixou seus bens para Gonçalo Pinto Mendonça. Este fez o seu funeral segundo os ritos católicos e africanos...”
Joaquina,	“...nagô muito respeitada. Ocupava lugar de destaque na hierarquia religiosa do grupo. Era uma nagô entendida, mulher muito forte, fina e sabida. Seu santo era Oguidibo”
Athanasio	“...morreu em 1887, com 110 anos de idade”
Lucrécia	“...teve seus santos jogados no rio, na Madre de Deus, pois não houve quem os cultuasse.”
Dionisio	“...trabalhou na roça de Bibiana a quem comprou uma casa em construção”
Cassiano	“...morreu em 1904, com 105 anos, vitimado por febres”
Luiz Freitas	“...morreu em 1881 e deixou casa de taipa e telha, um cavalo velho e roças de cana no terreno do Engenho Cachoeira”
Caetana	“na linguagem dos africanos chamava-se Ialepô. Era mulher de Henrique, o fundador da religião dos nagôs em Laranjeiras”
Bernarda	“...companheira de Herculano”
Maria Sacramento	“...faleceu de congestão em 1890, enterrada no cemitério da Misericórdia”;
Bibiana	“...casada com o africano liberto João Antônio de Moraes, morava no Porto do Oiteiro e plantava inhame. Morreu em 1885”
Isabel	“...viúva de Vicente Guaraná da Costa, morava na Rua do Cangaleixo e vendia açúcar, panelas, cachimbos, outros objetos e mantimentos. Morreu afogada em 1870, quando viajava para comerciar em Aracaju”.
Biruni	“...entregou o bastão a Bilina, quando esta foi confirmada como mãe-de-santo na Comandaroba”
Lázaro Barbosa	“...emprestou dinheiro ao africano Benedito em 1878, mediante hipoteca da sua casas”
Canuto	“em 1891, aos 70 anos de idade, morreu de erisipeia”
Pedro	“...africano que morava no Porto do Oiteiro”.

Tabela com lista de africanos na cidade de Laranjeiras no século XIX e primeiro quartel do século XX.

Neste caso, utilizamos o conceito de “outridade”, interpretando o discurso proferido por “Mãe Bilina” sobre os malês, como a reprodução desta prática. Neste caso, a “outridade” é exercida entre identidades africanas distintas. O malê é, na narrativa “biliniana”, tudo o que os nagôs veem como moralmente negativo e aquilo que eles não querem ser.

43 Dantas. *Africanos em Laranjeiras*. In: OLIVA, Terezinha Alves de et al. Casa de Ti Herculano: lugar nagô em Laranjeiras. Aracaju: InfoGraphics Ltda, 2011. p. 06-07.

Manoel Curvelo de Mendonça, se encontra em um dos registros do livro de batismo da cidade de Laranjeiras, como padrinho, junto com a sua esposa Luiza Gomes de Mendonça, de Cecília, batizada no dia, no dia 31 de março de 1872, branca, com cinco meses, filha do casal Alexandre Muniz Barretto e de Dona Norberta de Ungria Faro.⁴⁴

Este fato nos suscitou o seguinte questionamento, Manoel Curvelo de Mendonça, era um homem branco, que se fiou aos cuidados de um africano male? Ou se tratam de pessoas distintas? Isto é possível, visto que a grafia nos inventários está escrita com dos “l’s”, entretanto, é possível que se trate da mesma pessoa. E que este tivesse relações próximas com pessoas brancas, a ponto de poder apadrinhar seus filhos. Com relação a primeira hipótese, o Manoel Curvelo de Mendonça citado por Sharyse Piroupo do Amaral, e posteriormente por Beatriz Góis Dantas, era um africano, vizinho e próximo de José Carlos da Costa, de alcunha “José Sapucary”, liderança malê em Laranjeiras, citado por Bilina com “aqueles que se acabaram de fazer o mal”.⁴⁵

Para bem da verdade, como já fora tratado por Góis Dantas (1988, p. 118), Sapucary, na ocasião de seu falecimento, em 1899, fora tratado como um patricio. Um artigo de jornal de Laranjeiras, intitulado “O Cotinguiba”, expõe o carinho de seus pares, por ele. (AMARAL, 2012, p. 232-233) Ademais, em seu inventário, podemos auferir, o cuidado que ele teve para com os seus filhos, legando-lhes, inclusive os de uniões extra oficiais, seu nome e herança.

Uma das filhas, que constam no inventário de “Zé Sapucary”, Maria, fora adotada pelo casal. Encontramos seu registro de batismo nos batistérios de Laranjeiras do século XIX, batizada no ano de 1848, era mestiça e filha de pais mestiços. Segundo o vigário, “fora dada ao casal José Carlos da Costa, africano”⁴⁶. Maria, fora apadrinhada por Malaquias, e o seu batizado fora realizado em 02 de dezembro de 1847. Em outras palavras, queremos dizer que, à revelia, de serem os rivais dos nagôs de Santa Bárbara Virgem, Sapucary foi um bem feitor na vida de Manoel Curvelo de Mendonça e Maria. Bem como de outras crianças, todas negras, apadrinhadas por ele ao longo do último quartel do século XIX.

44 *Registro de óbito de Luiz*. “Brasil, Sergipe, Registros da Igreja Católica, 1785-1994”, índice e imagens FamilySearch (<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QSQ7899TVVWG?i=11&wc=M5NJBZ-Q%3A371846201%2C31846202%2C371959101&cc=2177298>: Acessado em 06/12/2021). Luiz, 16 de outubro de 1840, Freguesia do Sagrado Coração de Jesus, Vila de Laranjeiras, Livro de Óbitos (1840-1845); FHL microfilme 12.

45 Dantas, *Vovó Nagô*, p. 118.

46 *Registro de Batismo de Maria*. Brasil, Sergipe, Registros da Igreja Católica, 1785-1994”, índice e imagens FamilySearch (<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QSQ-G99T-VFWT?i=30&wc=M5N-J-T3K%3A371846201%2C371846202%2C371855501&cc=2177298>: acessado em 08/12/2021) Maria, 19 de março de 1878, Freguesia do Sagrado Coração de Jesus, Vila de Laranjeiras; FHL microfilme 30-31.

Ademais, constam nos livros de registros de óbitos da Freguesia do Sagrado Coração de Jesus, alguns outros nomes de africanos, dos quais, citamos o do senhor Luiz⁴⁷, descrito como um africano forro, falecido com cem anos de idade. O mesmo fora casado com Maria, descrita como “escrava do Dr. José Nunes Barboza”. Este, por sua vez, é descrito por Sharyse Piroupo do Amaral, como o possível senhor de Herculano Barbosa Madureira e Lázaro Barboza Madureira. O senhor Luiz, falecera no dia dezesseis de outubro de 1840 e fora enterrado na Capela da Comendaroba, tendo sido encomendado pelo Reverendo Francisco de Paula Cezar.

Entretanto, Mãe Bilina revela uma ligação entre estes sujeitos nagôs, que possuíam um calendário ritualístico em comum, este se iniciava na festa do “corte do inhame” na cidade de Laranjeiras, especificamente na casa de Ti Herculano, e se espraiava para outras casas nagôs espalhadas pelo Vale do Cotinguiba.

“Depois que festejava lá, que fazia o ‘corte do inhame’, daí ia festejar nessas casa todas. Ia pra Riachuelo, pra Socorro, Divina Pastora (cidades vizinhas), que lá também tinha nagô que tinha santo e Ti Herculano era quem festejava. Nós ia tudo. No Riachuelo era Ta Lucrecia, no Socorro Luíza. Hoje é que se acabou tudo, só restou nós.”⁴⁸

O culto nagô, ainda no século XIX, era familiar. Os santos, ficavam guardados dentro da casa dos sujeitos nagôs. Antigo costume africano⁴⁹. “Tia”, assim como “Ta”, é um título, que conota um determinado cargo de respeito dentro da comunidade religiosa.⁵⁰

A partir da liderança de Mãe Bilina, muitos dos santos que se encontravam nas casas desses sujeitos africanos, são trasladados para a casa da aloxa, ou, são despachados de volta para a África, pois os descendentes dos africanos perdem o interesse de cuidarem das divindades dos seus antepassados. Como ocorrera com Lucrecia, descrita por “Mãe Bilina”, como uma das africanas ainda vivas, e participantes da comunidade nagô, quando Dona Umbelina assumiu a chefia do terreiro. Ela, juntamente com “Ta Lucinda, Inã pela África” (DANTAS, 1988, p. 66) a conduziram a liderar a Irmandade Nagô, junto com Inácia.⁵¹

Os “santos” de “Ti Henrique”, ficaram sob a responsabilidade de seu neto, “Manaia”, que também deveria dividir a liderança do terreiro com Dona Umbelina,

47 *Registro de Batismo de Cecília*. Brasil, Sergipe, Registros da Igreja Católica, 1785-1994”, índice e imagens FamilySearch(<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q57L99TV6DF?i=14&wc=M5NJT-3V%3A371846201%2C371846202%2C371846203&cc=2177298>: acessado em 06/12/2021) Cecília, 31 de março de 1872, Freguesia do Sagrado Coração de Jesus, Vila de Laranjeiras; FHL microfilme 15.

48 ARAÚJO, Umbelina. *Entrevista concedida à Beatriz Gois Dantas*. In: DANTAS, Beatriz Góis. *Vovô nagô, papai branco: usos e abusos da África no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 67.

49 Dantas, *Vovô Nagô*, p. 67.

50 Thiago André, *História Preta*, São Paulo: B9, 26.07.2021. Podcast disponível em: <https://open.spotify.com/show/OgkJ4Wy8wXJkC2lZVfLyx?si=e9c9b910e45f4f0c>. Acessado em 06.12.2021 (Entre os minutos 10 e 11).

51 Dantas, *Vovô Nagô*, p. 83.

entretanto, o mesmo não quis, recusando a co-liderança e a responsabilidade de cuidar das divindades de “Ti Henrique”. Entretanto, a família permaneceu pagando as despesas do festejo anual destes santos.

Deste modo, Mãe Bilina “herda” os santos do fundador do terreiro nagô. O que a tornou, de alguma forma, descendente de “Ti Henrique”, em linhas religiosas, com certeza, mas também simbolicamente e socialmente. A sua avó, a nagô Birunqué, é denominada como malunga, de Ti Henrique, teria vivido com a esposa dele trinta e cinco anos, indo morar com a filha e os netos somente após a morte do Papai Branco, que ocorrera em 1892. Nesta altura, a senhora Birunqué possuía cerca de setenta e um anos de idade.⁵² A avó de Mãe Bilina junto com a esposa de Ti Henrique, cuidavam juntas dos santos do mesmo, responsabilidade assumida por Judite, filha do casal, após o falecimento da mãe. E que deveria ser assumida por “Manaia”, que declinou, como fora supracitado.

Deste modo, são as mulheres que, passam a assumir os cuidados com os santos do fundador do terreiro nagô em Laranjeiras, estes, denominados por “Mãe Bilina” como “santos legítimos africanos e muito fortes”.⁵³

Conclusão

Por fim, traçamos até aqui uma caminhada que visava, à luz dos pressupostos erigidos por Carlo Ginzburg, em *História Noturna*, e pelo movimento da Nova História, de maneira especial da Nova História Cultural, que propõem novas perspectivas, objetos/sujeitos de pesquisa e metodologias, tecer comentários acerca da relação entre os povos africanos no território africano, os africanos que em sua diáspora, recriaram no Brasil a cultura africana, e os participantes da comunidade nagô em Laranjeiras que é, ao seu modo, de muitos modos africanas.

Consideramos este texto um grande experimento, de tom ensaístico, com uma pretensão humildemente hipotética e altamente refutável, partindo da premissa de que esta pesquisa é, ainda, prematura. Entretanto, conseguimos identificar relações ainda não assumidas cientificamente, entre os povos africanos e os africanos em diáspora localizados no terreiro de Santa Bárbara Virgem.

Apesar da premente auto identificação como nagôs (aqui entendendo nagôs como uma nomenclatura genérica para povos iorubás, oriundos de diversas cidades como Oyó e Ifé. Hoje espalhados pelos territórios de Gana e principalmente Nigéria.) a comunidade nagô em Laranjeiras, é o que as diversas disciplinas das

52 Amaral, *Um pé calçado*, p. 313.

53 ARAÚJO, Umbelina. *Entrevista concedida à Beatriz Gois Dantas*. In: DANTAS, Beatriz Góis. *Vovô nagô, papai branco: usos e abusos da África no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 67.

ciências humanas denominam como jeje-nagô. Possuindo entre as suas divindades cultuadas, voduns, que são originários da cultura e do território jeje, ewé-fofon. Conotando, na disputa das memórias-identidades, a sublimação da identidade jeje, pela nagô, que por sua vez é construída com base na “outridade” com relação aos malês, que são os outros, os rivais, os contrários dos africanos nagôs, que formaram o arcabouço mental “biliniano”, aqui, parcamente abordado.

Dona Umbelina, por sua vez, considerava o candomblé o seu outro, assim como os protestantes, que permanecem no território laranjeirense. São eles aqueles que “nós não mistura”, aqueles que se acabaram fazendo o mal. Aqueles que os nagôs de Santa Bárbara Virgem, não queriam ser. Entretanto, com algumas informações acerca dos africanos no pós-abolição, percebemos a sua transmigração, alguns que migram para a religião malê, outros que migram dos malês, para o nagô, especialmente após a morte de “Zé Sapucary”, e ainda, nagô que migrara para o protestantismo, não sendo aceita posteriormente pela comunidade nagô. Estes fatos desnudam uma complexidade, que só pode ser empregada a nós, seres humanos. Por fim, e apesar das intempéries frutos das ações humanas, dentro da comunidade nagô laranjeirense, condensaram-se, jejes, nagôs, malês, irmãos de São Benedito, sob o auspicioso “amadrinhamento” de Santa Bárbara Virgem e das mais de três dezenas de divindades africanas cultuadas por esta comunidade, resistindo há mais de 170 anos no território afro-diaspórico que chamamos Laranjeiras.